JORNAL ANARCO-SINDICALISTA

PORTE PAGO

A BATALHA

ANTIGO ÓRGÃO DA CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO — ANO VI — VI SÉRIE — N.º 60 - MENSAL - ABRIL DE 1980 - 10$00

FESTA DO JORNAL A BATALHA

DIA 11/4 - ÀS 21,30

MÚSICA ZECA AFONSO, VITORINO
ESTRADA DO SOM, VAI D'EMBUTE
XUTOS & PONTAPÉS, PAULA GOULART
E PIMENTEL

TEATRO ADELAIDE JOÃO, MANÉ
ALMEIDA E SOUSA, MANDRÁGORA

BANCAS, CONVIVÊNCIA & MUITO MAIS...

(O programa, que ainda não é definitivo, pode ser alterado por motivos imprevistos)

NA VOZ DO OPERÁRIO

Bilhetes à venda: na n/ sede, na Voz Anarquista, na Contra-a Corrente, Opinião, Assírio & Alvim, Era Nova e noutros locais.

Não deixes para o fim!

Ideologias, sociedades e trabalho: falsear conflitos

● O pensar e reagir comum em política está condicionado por três princípios principais:

— O maniqueísmo, que impõe uma lógica exclusivamente dualista (ou isto ou aquilo) e assim temos: bem-mal; verdadeiro-falso; direita-esquerda.

— A rotulagem, tudo e todos têm imperativamente que ter um rótulo que é atribuído em função da lógica do maquineísmo dos dois campos possíveis e inconsiliáveis.

— Os catecismos, súmulas de ideias reduzidas à sua máxima vulgaridade, de slogans e normas decoradas e aplicadas religiosamente.

● Por outro lado toda a ideologia quando formulada em sistema para uma maior eficácia na prática política, e enquanto tal a ideologia é totalizante e torna-se irremediavelmente totalitária, pois que todo o sistema é sempre autoregulador e hierárquico, incluindo mesmo o princípio de feedback que lhe permite controlar o seu desenvolvimento e existência, podendo mesmo criar crises que parecendo enfraquecê-lo o fortalecem. E toda a ideologia tem a sua concepção de sociedade que é veiculada no sistema em modelos de estruturas sócio-económicas que tenta impor uma vez que consiga obter os meios para tal, isto é, os aparelhos do poder.

CONFLITOS NA SOCIEDADE PORTUGUESA HOJE

Fácil será compreender que dentro das duas perspectivas acima referidas os verdadeiros conflitos com que a sociedade portuguesa se debate são falseados uma vez que as suas componentes se tornam antagónicas e exclusivas e perde-se a relatividade que eles realmente têm no sistema sócio-político que os enquadra e assim temos esquerda versus direita: constituição versus reacção; capitalismo liberal versus capitalismo de estado; golpe de estado versus democracia e vice-versa. E acontece que em 75-76 uma assembleia escreve uma constituição a caminho do socialismo, em 76-78 aparece uma primeira contradição havendo a chamada maioria de esquerda: na assembleia tem-se simultaneamente um governo socialista que resvala à direita; a segunda contradição está que mesmo havendo concertação maioria de esquerda — governo socialista a política seguida estava desfazada da luta concreta dos trabalhadores. Estas contradições irão ser habilmente transformadas em descontentamento durante os governos presidenciais e aproveitadas pela direita coligada na AD. Estas lutas políticas subterrâneas, onde a aritmética eleitoral-parlamentar assume uma importância vital, em nada alteraram as relações sociais tendo unicamente mudado os donos dos aparelhos políticos, passando o poder das mãos de políticos com esta ideologia para políticos da outra ideologia, e por acto meramente constitucional e administrativo o país que se dizia para o socialismo em função do capitalismo de estado, hoje diz-se social-democrata em função da estrutura económica imposta ser a do capitalismo privado. Este balancear de estruturas e modelos económicos de negativa terá sobretudo a situação em que ficam os trabalhadores. Mas se estes continuarem a deixarem-se seduzir pelos os diferentes tipos de discursos dos políticos onde os problemas são escamoteados e falseados nos antagonismos daquilo que eles tem de relativo não mais verão resolvidos os problemas que só eles poderão começar a solucionar uma vez que sejam eles mesmos a reflectir sobre eles, desligarem-se da lógica maniqueista direita-esquerda, ultrapassarem as rotulagens e esquecer/ignorar os catecismos pré-fabricados, criando assim uma atitude de crítica e criadora que possa possibilitar descobrir saídas que modifiquem as relações sociais.

ECONOMIA E TRABALHO

Tem sido em função do conceito de progresso enquanto produtividade que têm sido concebidos os modelos e as teorias económicas que por sua vez vão implicar directamente com a organização e a função do trabalho e dos trabalhadores. Pensamos que será, nas condições concretas da vida que se poderá encontrar a pedra de toque para o novo relacionamento social que permita ir concretizando uma nova sociedade, não querendo com isto dizer que nos alheamos da nossa sociedade política, mas tão só que a esse nível o jogo está falseado e o trunfo é sempre marcado por outros que não os próprios interessados e estes nunca são parceiros ou adversários mas a carta que estes profissionais da política tiram da manga para fazer vasa. Será no reordenamento do nosso quotidiano que nos devemos empenhar, sermos nós próprios a determinar o ritmo de vida; lazer-trabalho, criar e escolher os espaços de habitação e convívio, fazer opções no saber e na cultura.

Assim no campo do trabalho-lazer o horário de trabalho que nos é imposto tem a sua razão de ser dentro da lógica produtivista - desenvolvimentista do capitalismo liberal (o mesmo se verifica no modelo de capitalismo de estado por razões justificadas pela sua lógica interna) determina a nossa maneira de viver veicula conceitos como trabalho - emprego - ordenado - produção e o trabalhador é caracterizado como instrumento de produção e quantidade produção e assim temos que o número de trabalhadores entra a somar com o número de instrumentos de produção disponíveis num dado momento para uma determinada situação o que cria o mercado de trabalho e permite originar crises de desemprego quando tal é necessário para o restabelecimento e o fortalecimento da saúde da economia. Sendo propositadamente ignorada e escamoteada a dimensão do trabalho como criação-realização individual e o trabalhador como pessoa que deve escolher em função das suas capacidades e interesses o trabalho que fazer.

Um exemplo e aposta que alguns sindicatos europeus dão é o de se terem lançado na luta pelas 35 horas que apresenta uma pluralidade de características que vão desde a possibilidade de resolver a chamada crise de desemprego, que existe porque é necessária até para criar situações que justifiquem outros interesses, que aumenta o tempo que cada um pode dispor, uma vez que o actual horário de trabalho é a soma das horas efectivas de trabalho mais o tempo que se leva do local se habita, as célebres cinturas industriais e as cidades dormitórios e outros pequenos de pormenores que nos obriga a produzir e a dormir para estar em condições de produzir e estar na espectativa angustiante do sétimo dia da semana para pôr em ordem toda a nossa vida pessoal e íntima; nesta reivindicação dois aspectos são de maior importância, é justo, demasiadamente justo para alguns, que qualquer um de nós queira usufruir do direito à vida e não se ficar pela possibilidade da sobrevivência que a actual sociedade lhe quer unicamente conceder, por outro lado é uma luta suversiva uma vez que ao pôr em causa tanto o conceito de progresso-produtividade como a própria natureza do trabalho e ao introduzir novos ritmos e correspondências entre trabalho e lazer fará desiquilibrar a nosso favor a engrenagem da vida o hoje é dominada por outros interesses que não os nossos.

Na miséria do quotidiano, A BATALHA um jornal que não pensa por ti!

JORNAL ANARCO-SINDICALISTA

PORTE PAGO

A BATALHA

ANTIGO ÓRGÃO DA CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

ANO V - IV SÉRIE - N.º 52 - MENSAL - AGOSTO DE 1979 - 10$00

NÃO HÁ PODER SEM SANGUESSUGAS

★ O ESPECTÁCULO

Roubado publicamente por novos impostos, alarmado pela queda do Governo, apreensivo perante as novas eleições, tranquilo face à força demonstrada pelo Exército Português nas últimas manobras, vexado pelo patrão, esgotado por uma semana de trabalho, escandalizado pelo nudismo nas praias, mas sempre, sempre amarrado às engrenagens do espectáculo do poder. Este é um possível retrato de muitíssimos honrados cidadãos...

Sempre renovado e modificando-se constantemente, este é o mais macabro de todos os espectáculos: o organizado e dirigido pelo Poder.

Ultrapassar este círculo implica uma desmontagem quotidiana dos argumentos, discursos e palavras pelos quais o poder fundamenta os seus actos. Não os vamos utilizando no dia-a-dia como *nossos*...

★ A REPRESSÃO PERMANENTE

Os preços do petróleo, as matérias-primas e maquinarias aumentam sem cessar nos mercados internacionais. As despesas públicas são cada vez maiores. Para o País poder suportar os novos preços, são necessárias mais medidas de austeridade, novos impostos, redução nos consumos internos. Um amplo esforço nacional para desenvolver o País, aumentar a produção, sair da crise.

Quantas vezes este estafado discurso é repetido por dia? Há quantos anos? Por quantos governos?

Entre o discurso e o que ele esconde da realidade, passa um abismo. No fundo o que ele não diz, *nem pode*, é que o que está sempre em causa, é a defesa e perpectuação de todo um *sistema de inúteis e inutilidade* que absol vem a maior parte daquilo que de *útil* se produz.

★ A REPRSSÃO PERMANENTE

Todo o poder assenta na força. Apoia-se nela para persistir enquanto tal.

Lógico é em suma que no reforço dos aparelhos de guerra, repressão policial, vigilância política, etc., sejam aplicadas grande parte daquilo que o poder extorquiu aos trabalhadores.

As despesas mundiais com o armamento, as guerras, as indústrias (só essas empregam em todo o mundo cerca de 40 milhões de trabalhadores), são assombrosas.

Neste pequeno país, por exemplo, o Orçamento de Estado para 1979, prevê cerca de 27 milhões de contos *só* para as Forças Armadas... muito mais do que será gasto com a saúde, habitação, agricultura, pesca, desporto, educação, etc.

Se a estes 27 milhões (sem acréscimos), acrescentarmos muitos outros destinados aos cães vestidos de polícias, tribunais e outras engrenagens da «ordem pública e defesa nacional», temos uma quantia que *só por si*, resolveria muitos problemas básicos como água, habitação, electricidade, esgotos, etc, em muitas povoações deste país...

★ SANGUESSUGAS

Cravados na pele de tudo quanto vive, trabalha. Os sanguessugas poluam por todo o lado. Não são apenas militares ou polícias. Vegetam desde o Parlamento, aos partidos, passando pelo «Conselho da Revolução», Presidência da República, são ministros, patrões, burocratas sindicais, chefes disto e daquilo. *Quanto consomem?*

Entre os sanguessugas e o sistema existe uma total dependência. Quando uns estão desacreditados, podres, incapazes de se imporem, logo outros se apressam a substituí-los. *Não há poder sem sanguessugas.*

Enquanto uns continuarem a dispor da vida de outros, a imporem as suas decisões. Enquanto persistirem as relações do Poder o massacre quotidiano dos que trabalham continuará.

★ AS INDÚSTRIAS DO SUPERFLUO

Na verdade todo o sistema está organizado para a sua perpetuação. Para isso existem leis, constituições, hábitos, tradições que *legalizam* as relações de poder. As reproduzem nas novas gerações.

Toda a organização social está feita neste sentido. A produção serve o sistema sob todos os aspectos.

Os inúmeros defensores dum aumento da produção «nacional» — sejam eles de direita ou de esquerda —, omitem sempre nos seus discursos produtivistas, uma questão fundamental: a maior parte daquilo que se produz, não corresponde a necessidades ou carências humanas.

Grande parte dos produtos fabricados, correspondem sim, a necessidades criadas ou geradas pelo próprio capitalismo.

Para estas indústrias é canalizada a quase totalidade da energia produzida em todo o mundo. As medidas de austeridade, os novos impostos são um meio directo de o sistema as manter.

Pois, pretende-se aumentar a produção de quê? Não será de mais quartéis? Mais prisões? Mais produtos tóxicos? Mais indústrias poluidoras? Mais armamentos? Mais Igrejas? Mais publicidade? Mais centrais nucleares? Mais edifícios para ricaços e outra parafernália? Não será de mais bancos? Mais monumentos aos heróis da guerra? Mais casinos? Mais requerimentos e declarações oficiais? Mais tribunais?

Basta abrir um pouco os olhos, para repararmos como a maioria do que se produz, consitui apenas formas para reproduzir o sistema. Manter a parasitagem. E para isto, é necessário sempre o trabalho, o esforço, a Vida de quem trabalha.

Este é o preço do poder e das suas engrenagens.

★ O RIDÍCULO

O ridículo ameaça hoje o poder. Perante a massiva propaganda do Estado, dos «representantes do povo», os apelos a novos sacrifícios, e por outro lado a miséria quotidiana a que somos forçados a viver, a *indiferença* perante o que «eles» dizem, é muitas vezes um sintoma de que já «ninguém acredita». O espectáculo do Poder, já não surte o efeito desejado: A aderência das *massas* aos seus argumentos.

Talvez hoje mais que nunca, os trabalhadores possam compreender que a sua vida, toda a sua vida, é utilizada para reproduzir o sistema que os oprime e explora. A inutilidade é mundial. O mito dos países «socialistas» caiu: neles como nos outros, os trabalhadores não passam de escravos da produção, mais ou menos alimentados, mas sempre a reproduzir um sistema ao serviço de parasitas.

Em Portugal, o ridículo atingiu tudo. Nada parece existir que não esteja convertido numa anedota pagada: história, moral, cultura, instituições, partidos, tudo.

O ridículo. O riso. A ironia corrosiva tem corroído tudo. O próprio poder já não consegue «vender» uma imagem de si mesmo que não seja a da cretinice. Os sanguessugas nacionais, convertidos em anedotas, sabem que já não convencem ninguém. Mas por obrigação de ofício persistem até ao fim.

Ridicularizar este espectáculo, sem dúvida que não é fazer a revolução. Mas com certeza que por aqui pode passar a consciência de todos os manipulados de que nada tem a esperar desta merda.

GREVES — pág. 2

A LUTA DOS PRESOS — pág. 3 e 8

C. N. A. C. — pág. 3

O PROBLEMA A SAÚDE — pág. 4

GUADIANA A MORRER — pág. 5

PERSEGUIÇÕES EM ESPANHA — pág. 7

...e mais ainda

JORNAL ANARCO-SINDICALISTA

PORTE PAGO

A BATALHA

ANTIGO ÓRGÃO DA CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

ANO V - IV SÉRIE - N.º 53 - MENSAL - SETEMBRO DE 1979 - 10$00

ELEIÇÕES: LEGALIZAÇÃO DO PODER

A CRISE DO SISTEMA

A burguesia sente-se hoje em Portugal, com *um maior apoio* entre os que explora. Daí a esperança das forças defensoras do capitalismo privado, que nas *novas eleições* consigam um maior número de deputados. A «maioria de esquerda» transformada em «maioria de direita»...

Mas por detrás destas análises mais ou menos convencionais, não restam dúvidas a ninguém que os *profissionais da política* de S. Bento, já não convenciam ninguém. Quem é que os tomava como «representantes do Povo»?

O jogo político distanciou-se demais dos trabalhadores. «Direita» e «esquerda» eram vistas no Parlamento, não como forças sociais em luta, *mas como efectivamente são:* diferentes tipos de parasitas em luta pela hegemonia do poder.

As novas eleições pretendem, assim, dar uma imagem do Parlamento mais «sério». Mais susceptível de convencer alguém...

Através dos *votos dos que forem às urnas*, a parasitagem em funções políticas na altura, se dirá legalmente ser os «nossos» representantes...

★ LEGALIDADE: COBERTURA IDEOLÓGICA DO PODER

Porquê todos esses discursos sobre legalidade, a defesa da Constituição, o respeito das leis, a necessidade de reforçar o poder da «Lei», etc. No fundo, porque esta questão se apresenta tão importante para o sistema?

Falar de legalidade é falar de formas de poder.

A burguesia arrancou o poder à nobreza, não a falar ou a justificar-se pelo dinheiro que possuía, os lucros que obtinha, mas contarpondo uma *legalidade assente na* «vontade do povo», ao poder da nobreza justificado em argumentos místicos: a origem quase divina dos soberanos, o valor do «sangue» dos nobres, a missão transcendente dos sacerdotes, etc.

O «Povo», entidade abstracta a que o poder se refere, passaria a partir daí a *eleger os* «seus» representantes, aqueles que irão decidir sobre a vida ou a morte dos que os elegeram...

As eleições são assim, uma peça fundamental desta nova imagem do poder: mesmo o próprio fascismo não se furtou a organizá-las no intuito de legalizar publicamente, os parasitas, e o terror em que viviamos.

Não são apenas os profissionais da política os que vivem directamente à custa da «legalidade». Outros especializaram-se na sua perpetuação: advogados, legistas, juízes, constitucionalistas, etc. todos eles trabalham infatigavelmente, para nos conduzir aos labirintos das «leis» do capitalismo.

★ SINDICATOS: ORGANIZAÇÕES DOS TRABALHADORES?

Depois de Setembro as *coisas aquecem* nos locais de trabalho. O «tempo livre» das férias acabou. A rotina das semanas de trabalho, continua.

Não é pois de estranhar que os sindicatos voltem ao ataque: eles aí vêm para negociar os «seus» contratos de trabalho, lançar as «suas» grevezitas, desenvolver as «suas» lutas muito legais. Muito de acordo com a *Constituição*, as leis em vigor sobre greves, despedimentos, associações sindicais, segurança no trabalho, etc. Nem um passo será dado à margem do estabelecido...

Em todo este processo, os sindicatos mostram-se os mais eficientes integradores dos que trabalham na teia dos decretos governamentais.

Todos os sindicatos ao reconhecerem as leis que a burguesia publica para tentar regulamentar as greves, os despedimentos, as formas de organização dos trabalhadores, que estão a fazer senão a pactuarem com a burguesia?

Todos os sindicatos quando reconhecem o *Ministério do Trabalho* como árbitro nas lutas entre trabalhadores e patronato; quando aguardam que este decida da publicação dos contratos colectivos por que lutaram com o patronato, para que este entre em vigor; quando fazem depender a existência de um sindicato da aprovação dos seus estatutos por este Ministério, que estão eles a fazer senão a pactuarem com a burguesia?

A maioria das lutas dos trabalhadores em Portugal, são totalmente filtradas hoje pelas engrenagens da legalidade.

As leis do sistema a tal ponto estão imbuídas na prática sindical, que os advogados são autênticos dirigentes na sombra dos sindicatos. Tal é aí a sua importância...

★ QUEBRAR A SOLIDARIEDADE

Um facto ressalta em toda a evidência: por detrás de todos estes legalismos, está a intenção clara de reduzir as lutas dos trabalhadores, as nossas pessoas concretas *a um punhado de processos* a cargo de uns quantos doutores que nos vão julgar.

A nossa vida, as nossas lutas ficam assim confiadas a outros que não nós. A outros que depois nos vêm dizer, *segundo as leis do momento* o que «devemos» fazer, o que «somos», a que «temos» direito, quais são os «nossos» deveres... apenas nos é exigido que saibamos acatar as leis que não fizemos...

O fim concreto deste processo é acabar com a acção directa dos trabalhadores, destruir-lhes toda e qualquer solidariedade nas suas lutas reduzindo-as a *casos individuais*.

Por este modo, mais de um milhão de trabalhadores em Portugal, tem processos no *Tribunal do Trabalho*... esperam eternamente por uma decisão judicial esquecendo o que significa a solidariedade, *a força colectiva que representam.*

Os *nossos problemas* são assim matéria de estudo em gabinetes. Os nossos interesses regulamentados em artigos duma lei qualquer. Quantos aguardam a resolução das suas questões, para quando sair uma portaria governamental que as resolva e regulamente?

Reduzidos a um número. O número do nosso processo no Tribunal ou no advogado, estamos divididos. Quebrados na nossa solidairedade de explorados. Profundamente engrenados nas malhas do poder.

Até quando?

Os fortes... e os fracos

«...Porém, se tentar obrigar-vos ao papel de agentes da injustiça, então digo-vos: Infringi a lei. Deve fazer das vossas vidas a contradição necessária para que a máquina pare. O meu dever é, em qualquer caso, recusar-me a ser um instrumento do mal que condeno.» — Henry D. Thoreau — «A desobediência civil».

Todos os dias nos dizem, que a exploração do homem pelo homem, é a consequência da «ordem natural das coisas». E dizem-nos de todas as maneiras e feitios: a família, o astro...

Ouvi, por ex., aqui há dias, um padreca que dizia alto e bom som (= poluição sonora), que até os animais mais fortes, dominavam os mais fracos.

Acho que isto vale um pouco de reflexão no que se passa à nossa volta. Será mesmo que os animais mais fracos são dominados pelos mais fortes? Ou, o facto de haver homens a dominar outros homens, significa que são eles os mais fortes?

Bom... Sem dúvida que hoje a luta pela sobrevivência, da maior parte das espécies, é muito maior hoje, do que era alguns anos atrás. E isto, porque o animal (que não parece) chamado homem, lhe destruiu o seu ambiente natural. E, claro, não admira ver certas espécies a atacar o homem ou outras espécies de animais.

Poder-nos-ão objectar, que desde o princípio do mundo, os animais têm necessidade de caçar, e portanto a lei do mais forte é perfeitamente natural...? Ora bem... É claro que desde sempre houve animais a matar outros. Mas o facto, é que muitas vezes, o acto do animal mais forte ao matar o mais fraco, até é benéfico para a espécie. Mais... Os animais nunca puseram em perigo, outras espécies. Para além disto, muitas espécies preferem afastar-se a lutar entre si. Muito menos há lutas entre animais da mesma espécie. Entre estes, o apoio mútuo, é um facto mais que comprovado. Mas, ainda no reino animal, o mais forte, é-o efectivamente. E não por outras circunstâncias, como acontece com o homem.

Como se constata, o homem mais forte, é o que tem mais dinheiro, mais armas e mais escravos. Aliás, são os verdadeiros fracos, os actuais mais fortes, pois precisam de comprar e de se apoiar, nos «fracos», para imporem a sua lei. Com a comprovada complacência destes últimos, claro. Essa força é portanto enganadora. E a qualquer momento pode cair. Bastava que os escravos de hoje, apontassem o cano duma espingarda aos seus senhores...

Como já se disse atrás, as lutas (?) no reino animal, são, quase sempre, de igual para igual. O mesmo não se passa com o homem. Senão, vejamos. O rico, é rico por um acidente. Ou por herança, casamento... E sempre à custa do trabalho dos outros. Enquanto uns nascem no berço de oiro, outros nascem na rua. Logo à partida há desigualdade. E os primeiros, não fazem outra coisa senão assimilar tudo aquilo que lhes metem na cabeça: família, pátria, trabalho (que não para eles)...

Mas o triste da fita toda, é que os segundos, a maior parte das vezes, não passam de candidatos ao trono... Há sempre a esperançazita dum qualquer partido subir ao poder...

A. LEÃO

RESUMO

Greves Pg. 2
Estética Anarquista Pg. 3
Psiquiatria: Prática política Pg. 3
Entrevista com Cooperativas de Moradores Pg. 4
Repressão policial Pg. 4
O mito da Eficácia Médica — Ecologia Pg. 5
Inventário da nossa morte Pg. 5
Ateneus Libertários Pg. 7
Prisões - Amnistias Pg. 8

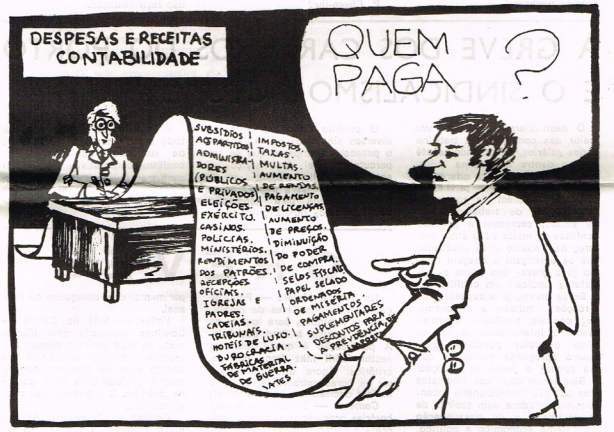
JORNAL ANARCO-SINDICALISTA

PORTE PAGO

A BATALHA

ANTIGO ÓRGÃO DA CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO — ANO V — IV SÉRIE — N.º 54 — MENSAL — OUTUBRO DE 1979 — 10$00

COMO TUDO VAI MAL MAS «AGUENTA-SE BEM»...



- Cresce a repressão Patronal
- Tudo aumenta menos os salários
- A esquerda apela à resignação
- Os militares ameaçam
- A emigração continua
- E os trabalhadores que fazem?

VOTAM OU LUTAM?

★ **OS SACRIFÍCIOS NECESSÁRIOS...**

Perante a avalanche de aumentos de preços decretados pelo Governo (água, electricidade, gás, gasolina, transportes, etc., etc.), o agravamento do imposto complementar, perante tudo isto e a passividade dos trabalhadores, somos forçados a reconhecer **toda a extensão da influência** da igreja em Portugal. **Semelhante resignação** destrói pela base, o épico discurso político da permanente combatividade da classe operária...

Na verdade, os novos aumentos parecem ser não apenas aceites resignadamente, mas como necessidades vitais se tratassem para quem trabalha: o bom «operário português». Foi ele ou a mulher, desde manhã bem cedo, para as bichas do imposto complementar. Temeria esquecer-se de declarar quanto ganhou no ano transacto?...

Para poder pagar os impostos, «viver» com o que lhe resta do ordenado, lá vai cortando na comida, poupando na água, na electricidade, etc. carpindo-se, mas não lutando.

Voltou-se ao secular **fatalismo, ao futebol**, ao arrastar do fado da vida, pelo meio conta-se umas anedotas, mas vai-se aguentando mais e mais...

Toda esta miséria, reconhecível nos crescentes bairros de barracas, na mendicidade que a cada esquina desde Pais irrompe, toda esta «santa pobreza» desperta no «bom português», os tão cantados sentimentos de caridade, piedade pelos «mais» pobrezinhos... A miséria do «outro» como compensação para a nossa subida...

Aos mais desperançados, só lhes resta seguirem o caminho que há séculos orienta milhões de indivíduos destas paragens: a emigração. Mas para onde? Às Arábias responde um número crescente deles. E já lá estão 6.000...

★ **A ESQUERDA DÁ UMA AJUDA**

A esquerda, uma expressão do capitalismo de Estado, é hoje um dos baluartes da estabilidade do actual sistema em Portugal.

Por agora, o Partido Comunista e outros da esquerda, deixaram de lado outras conquistas dentro do sistema. Pretendem apenas **segurar** o que resta das nacionalizações e da reforma agrária.

Para tanto os compromissos políticos não têm cessado. Um está agora à vista de todos: o Governo comprometeu-se a não desnacionalizar nada de fundamental no «sector público», em troca o Partido Comunista irá, como vem já fazendo, silenciar todos os protestos contra a alta do custo de vida, sabotar todas as greves (como a dos carteiros do Porto), enfim colaborar abertamente com as medidas governamentais.

Recentemente quer a C. G. T. P. quer a U. G. T. declararam a sua discordância perante todas as lutas que em Portugal, tenham em vistas reduzir os horário de trabalho... (1).

Será que para a C. G. T. P.-U. G. T., os horários de trabalho em Portugal (a maioria são entre 45 e 45 h. semanais), deveriam de voltar a ser de **sol a sol?**

★ **UMA CONSTANTE: A MILITARICE**

À medida que sobem os preços, os impostos, como é hábito aumentam o número de paradas militares, os exercícios de «fogo real», os discursos dos militares politiqueiros. Sussurra-se por todo o lado, diz-se nos comícios da esquerda- «A democracia corre perigo», etc. A ameaça de uma tradicional golpaça da parasitagem militar, desenha-se no horizonte. Enfim quem fez dezenas deles desde o século XIX pode fazer sempre mais um... experiência não falta.

Depois do 25 de Abril de 1974, longe de diminuir a influência dos militares pelo contrário, a coberto da «Revolução de Abril», estes reabilitaram-se dos crimes e da derrota nas colónias. Reforçaram as suas posições. Modernizaram as suas estruturas. Tornaram-se figuras de proa na política. Enfim, «dignificaram» a profissão da morte premeditada...

A direita, segundo a sua tendência estatista, apela para a necessidade de «ordem», de uma «ditadura militar» que venha pôr as coisas «como devem ser».

A esquerda por seu lado, vai contentando os trabalhadores, argumentando um discurso já velho: No Exército «ainda lá estão muitos verdadeiros progressistas». A militarice continua.

★ **SALVAR OU NÃO A ECONOMIA?**

O discurso estafado da salvação da «economia», verdade se diga que ainda continua a produzir os seus efeitos. Diariamente bombardeado pelas contas do País, o palavreado sobre a necessidade de «aumentar a produção e as receitas do Estado, para cobrir as despesas sempre crescentes», o «honrado cidadão» interiorizou este discurso. De si para si, diz lá: «O País precisa mesmo de sacrifícios, senão como se há-de endireitar?»

«Sim, que nestas coisas de economia, de produto nacional bruto, de divisas, de gráficos, balanças de pagamento, empréstimos, eu sei lá que mais!... Tudo isto tem mesmo muito que se lhe diga. E, o País sem o trabalho, o sacrifício de cada um não pode viver».

Nós estamos também de acordo: Na verdade como, **sem o nosso trabalho, os nossos sacrifícios** poderiam viver abastadamente tanta parasitagem?

Sem apertarmos o cinto no dia a dia, como poderiam pagar-se milhões de contos de indemnizações a latifundiários e a patrões? Se não fosse a **nossa austeridade** como poderiam vestir-se, comer e viver tantos altos funcionários neste País? Tanta polícia? Haver tantas recepções oficiais para oficiais, oficiosas etc.? Sem esta **nossa privação de vida** como tan a engrenagem, tanta parasitagem poderia subsistir?

Para que tudo isto possa viver, florescer, criar raízes, enfim para que não lhe falte dinheiro, e assim se salve a economia. Só temos pois uma solução: Acabarmos com as greves, aumentarmos os horários de trabalho, pagarmos pontualmente os impostos, mudarmos o resto da população que em Portugal ainda vive em casa, para barracas ou casas abarracadas, aceitarmos viver felizes num universo concentracionário, nada de discussões, nada de livros subversivos, apenas trabalho e livros técnicos (para aprendermos a trabalhar melhor).

De outro modo, digam-nos como poderemos aumentar tanta parasitagem? Como poderemos aguentar tanta miséria sem protestos?

---

(1) Ver, por exemplo, o «Diário Popular», de 12-Set. 1979.

JORNAL ANARCO-SINDICALISTA

PORTE PAGO

A BATALHA

ANTIGO ÓRGÃO DA CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

ANO V - IV SÉRIE - N.º 56 - MENSAL - DEZEMBRO DE 1979 - 10$00

Sempre foi assim, mas há-de ser diferente...

Quando se fala de poder, fala-se apenas dos que o exercem: patrões, administradores, ministros, militares, políticos profissionais, etc.. Isto é, apenas daqueles que dele tem tirado lucros, privilégios ou benefícios. Mas há que perguntar também, por onde no di-a-dia o próprio poder é aceite e justificado:

As eleições estão longe de serem a «grande» aceitação das regras instituídas pelos que governam. Mas basta não votar para as recusar? Pensamos que não!

Na verdade, embora o poder apele ao voto, a abstenção não significa forçosamente uma recusa do sistema ou das próprias eleições. Longe disso!

Que importância tem que 10, 20 ou 30% dos eleitores inscritos não votem, se eles, no dia a dia, aceitarem resignadamente ser governados ou viver «descansadamente» nesta sociedade.

Há, pois, que tentarmos ver no quotidiano, não apenas nas eleições, como os trabalhadores aceitam as regras do sistema, e a si mesmos se derrotam.

A irresponsabilidade instituída

Face ao poder os trabalhadores são encarados como um «irresponsáveis.

Eles constituem uma «massa anónima» compelida a trabalhar, a quem não há que pedir contas das consequências dos trabalho que fazem. Tal como aos soldados sob as ordens dum oficial, não há que pedir contas pelas mortes que praticam na guerra: uns e outros, cumprem ordens, Nada mais!

Para o poder, o trabalhador só tem esta última responsabilidade possível: a da execução correcta duma tarefa que ele lhe incumbiu ou o cumprimento integral duma regra que ele fixou.

Como, por sua vez, encaram os trabalhadores as consequências do trabalho que realizam?

Aqui reside a sua principal abdicação: da mesma forma que o poder, isto é, assumindo-se como uns «irresponsáveis».

Se não vejamos casos do dia a dia:

O bom operário de uma fábrica de material de guerra, o cientista que estuda uma droga cancerígena, o trabalhador que constrói uma nova central nuclear, o que descarrega petróleo no mar, assume, alguma vez, a responsabilidade pelo que faz? Julgar-se-ão eles algum dia colaboradores, com o seu trabalho, da destruição do Mundo e da Humanidade?

Claro que não! As suas consciências estão tranquilas, porque eles apenas cumprem ordens!

A responsabilidade efectiva dos seus actos, as consequências do que fazem, essas pertencem por inteiro aos que os mandaram executar tais trabalhos!

Ora, é precisamente nesta irresponsabilidade quotidiana, que assenta o poder.

Para que as regras do sistema funcionem, os que estão no poder, assumem-se entre si, como os «únicos responsáveis». Só a eles é que há que imputar todas as culpas pelo que acontece...

Quando as coisas estão mal, há apenas que mudar os responsáveis que se mostraram pouco eficientes...

Essa massa anónima de pessoal, cumpridora de ordens, leis, decisões para que não foram ouvidos, deve reduzir-se à sua condição de irresponsáveis. Senão?...

● Não há pois que pedir contas ao operário que descarrega poluentes nos rios, foi o patrão que o mandou, eles está «inocentes!

● Não há que culpar a Polícia pelos massacres de camponeses do Alentejo, eles cumprem apenas as ordens dos seus superiores!

● Não há que censurar essa rede vastíssima de funcionários, quando se apresta a executar as ordens ministeriais, elas vêm «de cima». Eles apenas cumprem um dever! Ordens são ordens!

● Não há que criticar ainda, as populações de regiões onde espécies animais estão a ser extintas e a natureza está a ser arrazada, a responsabilidade do facto pertence o Governo. O assunto não lhes diz respeito!

Assumindo-se no dia a dia, como uns irresponsáveis pelo que fazem, nos actos que praticam ao serviço de outros, os trabalhadores, não tardam a assumirem-se como uns IMPOTENTES perante os «responsáveis» ou os que detêm o poder.

Esperar ordens, decisões ou directivas, é para muitos a única coisa que lhes resta fazer na vida.

● Quantos trabalhadores aguardam pelos resultados eleitorais, para que tudo mude? Enfim, para que os novos governantes façam aquilo que os anteriores não fizeram por eles?

● Quantas pessoas vivem em regiões inundadas pelas chuvas há séculos, e há séculos esperam resignadamente que os «responsáveis pela Nação», decidam fazer qualquer coisa?

● Quantos apodrecem em bairros de lata, se apinham em casas em ruínas, em subalugas, e pacientemente, vão acalentando a esperança que um dia, uma parte do dinheiro destinado às Forças Armadas, à Polícia, G. N. R., seja aplicado na construção de casas? «Talvez algum dia se lembrem de nós», lamentam-se...

● Quantos trabalhadores esperam que os seus dirigentes sindicais, negoceiem um contrato melhor? Talvez lhes reduzam mesmo o horário de trabalho? «Enfim, há que esperar. Se o contrato aprovado é uma miséria, é porque eles não conseguiram melhor», comentam...

● Quantos habitantes de vilas, aldeias e bairros... aguardam com a tradicional resignação, que os responsáveis das Câmaras Municipais, lhes asfaltem as ruas, façam esgotos, electrifiquem a zona, etc., etc.? Mas como em tudo: «Há que esperar, eles não podem fazer tudo. Não foi este ano será para o próximo», etc....

● Quantos de nós aguardam, ano após ano, embora falando no assunto, contando piadas, etc., que o Governo, os tais responsáveis, resolvam pôr fim à especulação desenfreada com os aumentos e à rede infinita de intermediários?

● Quantos trabalhadores, penosamente, se arrastam pelo Tribunal do Trabalho, pelos advogados, pelos Ministérios, até que as «entidades responsáveis» decidam dos seus conflitos com o patronato?

● Quantos dentro e fora dos hospitais, alimentam a progressiva indústria farmacêutica, médica e outras similares, e pacientemente aguardam que, os tais que põem e dispõem dos nossos descontos para a «Previdência», os apliquem na saúde?

● Quantos trabalhadores aguardam penosamente que o Governo suba o limite dos aumentos de ordenados em cada ano? Ou legisle sobre se a sua cooperativa agrícola será ou não entregue aos antigos latifundiários? Ou se a empresa nacionalizada em que trabalham será ou não devolvida, aos «antigos proprietários»?

Para tudo isto há que aguardar! Esperar que as competências deste país decidam!!

A abdicação dos trabalhadores perante o poder, ultrapassa assim, a questão das eleições. Aliás, elas não passam de um episódio numa vida onde delegar nos «responsáveis» é uma norma aceite pela maioria.

Daí que digamos: para nós, somente quando os trabalhadores começarem a pôr em causa esta sociedade, o seu trabalho e a sua finalidade, somente quando eles assumirem nas suas próprias mãos — sem delegações — os problemas que lhe dizem respeito, é possível começarem a deixar de ser como hoje o são, indivíduos submetidos à tirania, democrática ou não, do poder que os explora e oprime.

JORNAL ANARCO-SINDICALISTA

PORTE PAGO

A BATALHA

ANTIGO ÓRGÃO DA CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

ANO VI - IV SÉRIE - N.º 57 - MENSAL - JANEIRO DE 1980 - 10$00

DIREITA OU ESQUERDA: E DEPOIS?

Fecharam-se as urnas, rezaram-se os responsos, e sepultou-se a ilusão eleitoral.

Os cidadãos, muito convencidoso de que iriam decidir dos seus destinos e mudar a face do país como todos os partidos reclamavam, limitaram-se a pôr cruzes em papéis.

Nas suas costas os partidos galgam o poder e procederão como quiserem, pois no papel do voto o eleitor surgiu e morreu de imediato pois não lhe restam recursos de fiscalização ou de intervenção.

Não se alterou a gravidade dos problemas, mas a presença das pessoas na acção política quotidiana, discutindo as questões, intervindo na afirmação dos seus direitos e dos seus protestos vai-se extinguindo. Resta apenas o resíduo de um período em que as pessoas agiam, reagiam, ou aderiam a tomar posição, as cinzas da absoluta partidarização dos problemas ou das movimentações sociais. O que era a democracia directa foi monopolizado pelos partidos que averbam para o seu jogo.

Esquerda ou Direita, o Estado tornou-se a entidade suprema que compromete as pessoas na obediência ao jogo de interesses que ele, pela mão das novas classes políticas e tecnoburocratas, e para além de tudo o que seria a expressão da vontade das pessoas e das classes, lhe fica subordinado; sindicatos, colectividades populares ou correntes de opinião.

Esquerda ou Direita escondem-se em modelos semelhantes de Social-democracia. Os partidos e as organizações que manipulam negoceiam os limites contratuais que condicionou tudo ao que o Estado entende fixar, que nos onera com cargas fiscais que se consomem no seu imenso aparelho militar, político e económico.

Como as pessoas podem opor ao Estado todo poderoso a legitimidade dos seus direitos, a intervenção na formação da sua qualidade de vida?

Os sindicatos tornaram-se seus elementos de integração dos trabalhadores, mas para além destes, hoje outros problemas de maior gravidade como a habitação, os transportes na forçada mobilidade da vida quotidiana, a saúde, os equipamentos urbanos que escasseiam, tudo isto não têm resposta, não há expressão democrática, crítica e revolucionária que se oponha ao gigantismo do Estado totalitário.

É esta a resposta que o homem cidadão condicionado política e economicamente, tem de procurar: a formação de múltiplas formas de associação livre.

O arbítrio e a violência fiscal

A fúria fiscal procurando formas de receita pelo agravamento constante de impostos, de taxas de toda a espécie, especialmente incidindo sobre a população que apenas vive do produto do trabalho, tem muito especialmente aumentado a desordem burocrática e tornado muito mais oneroso o aparelho fiscal.

O Estado, cada vez mais tentacular, ultrapassa todos os limites na caça de receitas para cobrir administrações parasitárias, recompor empresas ineptas, indemnizar interesses injustificáveis. Escapam-lhe todavia, por inepcia ou favoritismo, a taxação sobre os grandes lucros.

Para cobrir uma cobrança de impostos sobre a grande massa da população que vive apenas do trabalho as Finanças procuram todos os meios eficazes e o Governo acaba de estabelecer o regime de devassa obrigando todos os cidadãos a inscreverem-se no fisco recebendo um número fiscal e ficando inteiramente identificados.

Mas a pressa, o arbítrio e a violência põe o decreto em execução dentro de 30 dias, e obriga o patronato a não pagar os ordenados a quem não apresente a declaração e a obtenção do número fiscal.

Para além do limitado espaço de tempo para toda uma população obter nas Finanças o seu registo, a monstruosidade é de o Estado, que se considera «democrático» e um «Estado de direito», permitir-se vedar aos trabalhadores o direito inalienável de receberem o produto do seu trabalho por uma exacção fiscal, ressuscitando as práticas medievais da cobrança dos impostos ou as práticas colonialistas do «imposto de palhota».

O Estado não dispõe do direito de coagir o indivíduo limitando-lhe os meios de vida, de privá-lo do produto do seu trabalho, de cominá-lo de formas violentas semelhantes ao bandoleiro que exige a bolsa ou a vida.

Aquele celebrado «cidadão eleitor e soberano» que foi «eleger» os estadistas «democraticamente» recebe dum governo «democrático» o acoite e o assalto de lhe coarctar o seu mísero salário como coacção como se fosse um governo totalitário. Afinal o cidadão não é responsável dos seus actos, de praticá-los por vontade própria? A bem ou a mal hás-de pagar custe o que custar!

O Estado permite-se classificar como rendimento o salário, igualando-o às operações económicas lucrativas ou rentáveis, incluindo-o no mesmo regime fiscal e elevadamente colectado. Nisso, o Estado «democrático» é herdeiro, com certo exagero, dos métodos draconianos dos regimens totalitários, e de modo nenhum se pode admitir que o Estado utilize draconianos meios de pressão deste género para recolher impostos sobre o trabalho e não seja capaz, como o confessou o ministro Sousa Franco, de recolher o total do imposto de transacções, que copiosamente herdou e aumentou do regime fascista.

Que atitude tomam os sindicatos, a celebrada intersindical e a parceira UGT? Talvez, por obediência às regras do jogo constitucional e político a que estão obrigados os seus partidos patronos, entendam não dever-se desestabilizar e reconhecer o absoluto direito de o Estado cobrar impostos.

Que pensam afinal os trabalhadores quando não lhes pagarem os ordenados por não terem o número de pagante ou atestado de «caloteiros»?

O 18 de Janeiro —uma luta actual

Em 1933 o regime fascista conseguia, depois de vagas sucessivas de repressão policial, dominar as forças que se lhe opunham, principalmente os trabalhadores e a sua Organização Sindical. Na posse do aparelho do Estado, com os seus métodos totalitários, iriam dominar todos os antagonismos sociais e contradições do sistema impondo a ordem do clan na posse do Poder.

O Sindicato, que fora até então a força organizada e consciente dos trabalhadores iria ser assimilada pelo Estado e integrado no sistema tornando-se um intsrumento da integração totalitária, já suficientemente experimentado nos sistemas fascistas e soviético.

Salazar ditou por lei a sujeição dos Sindicatos ao poder do Estado. Os Sindicatos confederados na CGT, com o seu vincado espírito de autonomia, de luta de classes e de acção directa, opondo ao sistema capitalista o seu projecto de socialização, não se sujeitaram e responderam com a greve revolucionária, passando à clandestinidade.

Em 18 de Janeiro de 1934 a luta travou-se. Como força e capacidade de luta a CGT era a única força que recusava todos os compromissos de ordem capitalista e não encontrava correlação com os sectores políticos interessados noutro jogo, e só e traída lutou e foi esmagada. A força da sua militância purgou nas prisões e no Tarrafal a sua coragem de responder ao fascismo defendendo a autonomia sindical.

A sua decisão assumia uma transcendência histórica recusando a unicidade pelo Estado, porque ainda hoje o movimento sindical permanece na mesma sujeição de sinal diferente.

De algum modo se entende que os comunistas tivessem conscientemente traído o 18 de Janeiro.

O objectivo salazarista seria, 41 anos depois, aproveitado para a unicidade pensidénia, para continuar a atrelar os sindicatos à omnipotência do Estado e ao interesse da ordem capitalista.

O 18 de Janeiro está de pé.

Uma campanha que arranca

Subscrição para a compra de uma IBM

«A Batalha» e a revista «A Ideia», associadas, lançam-se pela primeira vez num apelo aos que nos lêem e nos acolhem para contribuírem para a aquisição duma máquina eléctrica IBM, ou equivalente, para a composição destas duas publicações.

Fica aberta a subscrição especial, cujo saldo será indicado todos os meses.

Amigos: Necessita-se de 80 contos.

Contamos com os amigos e assinantes.

Vamos alcançar.

«A BATALHA» e «A IDEIA»

JORNAL ANARCO-SINDICALISTA

PORTE PAGO

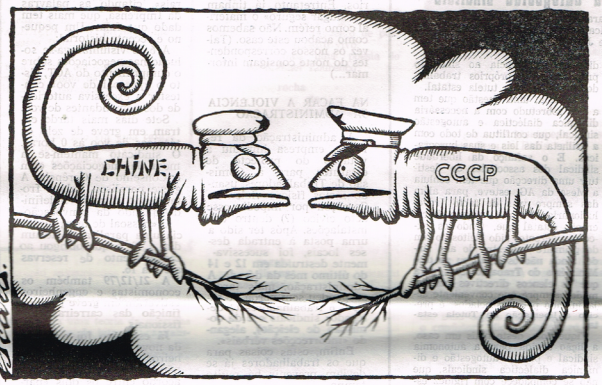
A BATALHA

ANTIGO ÓRGÃO DA CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

ANO VI - VI SÉRIE - N.º 58 - MENSAL - FEVEREIRO DE 1980 - 10$00

A QUEM NOS VAMOS VENDER?

POR UM COMUNISMO DE TODAS AS CORES?



A ASCENSÃO DA TECNOBUROCRACIA — Estamos no século das revoluções: por todo o lado a burguesia que noutras épocas fez as suas (repondo o dinheiro como mediador de todas as relações humanas), é substituída no poder. A propriedade privada, a base do seu poder, dá lugar à propriedade estatal.

1917, ficará na história do poder, como o ano em que uma nova classe dirigente, assalariada do Estado, assume pela primeira vez o Poder: a tecnoburocracia.

A partir da 2.ª Guerra Mundial, novos países vão continuando esta nova forma de Poder: China, Albânia, Bulgária, Roménia, Hungria, Checoslováquia, Alemanha do Leste, Jugoslávia, Cuba, Argélia, Vietname, Angola, Moçambique, Cambodja, etc., etc.

A tendência do próprio capitalismo privado, paradoxalmente parece ser a sua própria estatização...

NOVOS DIRIGENTES, NOVOS DISCURSOS — Conquistar o Poder e mantê-lo. Implica ter apoios. Justificar esse apoio também. Os novos dirigentes, para além das contradições que possam existir entre os seus Estados, os seus partidos reclamam-se do «Marxismo - Leninismo», do socialismo antogestionário, islâmico, africanista, por detrás dos discursos, estão as afinidades de ser tema: as suas formas de poder, são demasiado semelhantes, para serem coincidências... em todas elas, um estado monopoliza os meios de produção, nacionaliza as terras, controla toda a produção, distribuição, o ensino, a informação, em todas estas «vias para o socialismo», as relações salariais persistem, mas agora em vez de um patronato privado — esses decrepitos burgueses! —, temos um patronato público, um Estado dirigido por «eficientes» e «iluminados» gestores ao serviço das classes trabalhadoras...

A IMPOSSÍVEL COEXISTÊNCIA — Claro que o equilíbrio entre os Estados, onde a burguesia está no Poder e aqueles onde a tecnoburocracia o detém, é ilusório. Isto para além de todos os «pactos», tratados de paz», «compromissos» teorias sobre a «coexistência pacífica» que possam existir.

A necessidade para estes Estados de mercados, matérias-primas, só isto, os forçaria à rivalidade, competição, pelo controle de certas regiões do Mundo.

Daí que o «Vietname», o «Afganistão», o «Camboja», Rodésia, etc., etc., não sejam nestas disputas, «situações isoladas»...

A ORIGINALIDADE LUSITANA — As coisas são mais claras, quando analisadas na terra dos «fantoches lusitanos».

— PERIGO VERMELHO!

Em termos de poder, aquilo que se passa entre a «esquerda» e a «direita», é no fundo uma disputa dos trabalhadores.

A direita, procura mantê-los integrados no sistema que domina o capitalismo privado, ainda que para tal tenha que recorrer a uma ditadura militar, fascista, etc.

A esquerda, essa representa a oposição, aqueles que querem conquistar o Poder, com o apoio dos trabalhadores para o organizarem a seu modo.

Claro que nesta disputa, os trabalhadores, eles mesmos, podem também recusar ser massa em disputa, e abrirem o seu próprio caminho...

Aquilo que assistimos nos últimos 5 anos, inscreve-se nesta disputa, e porque não, nesta rotura que também as houve...

UMA BURGUESIA DIFERENTE ? — Foi de facto, um sector da burguesia que preparou, organizou e conduziu o golpe militar do 25 de Abril de 1974. Melhor dizendo, o golpe não foi planeado para destruir em Portugal o capitalismo privado, mas para permitir o desenvolvimento deste, impedido pelo enorme dispêndio de receitas do Estado nas guerras coloniais, por um corporativismo que dificultava a «livre concorrência», o «livre jogo da oferta e da procura» por uma protecção extensiva do Estado a um restrito número de monopólios que controlavam o País com desagrado de outros sectores da burguesia, enfim por um regime que dificultava, politicamente, a entrada de Portugal na CEE.

— PERIGO AMARELO!

Só um sector da «direita» arrancou em 25 de Abril, esse mesmo sector não esperou contudo, essa esfusiante ofensiva dos trabalhadores, quer reivindicando aumentos salariais, melhores condições de trabalho, quer ocupando casas devolutas, etc.

A «direita» joga então num novo discurso político, com alguns seus partidos, como o CDS, a falarem em «socialismo personalista», etc.

A «esquerda» na sua lógica faz o que pode: Apossa-se de Ministérios, Câmaras Municipais, Sindicatos Corporativos, cola-se aos militares de Abril, a todos os militares aliás, procurando-os transformar em «homens de esquerda», alguns msmos acabaram na «extrema»... conforme pode, lança medidas que prefiguram o capitalismo de Estado...

Mas a situação não era «crítica». Em 1975 a «direita» promove o Partido Socialista, a «campeão da luta contra o totalitarismo»... paralelamente, sabota empresas, transfere capitais consideráveis, para o estrangeiro; fomenta a divisão entre «Norte-católico» e um «Sul-comunista», as «lutas» contra o «continente-comunista»; a vinda de quase um milhão de «retornados» aumenta-lhe os apoios; depois é a dinamização das receitas dos emigrantes, do turismo, o aumento do desemprego, etc.

Em suma a «direita» jogou no tempo, no desânimo dos trabalhadores que acreditaram na «esquerda» o elixir para os seus problemas, a salvação das suas vidas...

O GOLPE... — Quando a «direita» se lança no golpe militar de 25 de Novembro de 1975, ela já somava muito, o desgaste da imagem esquerda mesmo. Os sucessivos governos do Partido Socialista (rotulado a si mesmo de «esquerda»), são o dobre de finados: A «esquerda» no governo desocupa terras no Alentejo, entrega empresas em «autogestão» ao patronato, decreta leis como a dos «contratos a prazo», o «numerus clausus», aumenta impostos espectacularmente, acabando por «ceder», tanto à direita, que acaba aliando-se a um partido de salazaristas regenerados...

Apesar disto, o Partido Comunista foi crescendo, mas há muito que passou à defensiva...

Para muitos trabalhadores, como se sentem na «obrigação de escolherem entre a esquerda e a direita»... enfim um «partido dos trabalhadores» soa melhor que um partido utilizado por antigos salazaristas ou caetanistas...

As eleições de 2 de Dezembro, em que pela primeira vez, depois do 25 de Abril, a direita obtem a maioria de deputados, são um dos momentos desta disputa em que as coisas andam pela «direita»...

A OBRIGAÇÃO DA ESCOLHA — Escolher entre a «esquerda» e a «direita» é para a maioria dos trabalhadores, a única alternativa que existe. Nenhuma perspectiva parece abrir-se para além de capitalismo privado ou capitalismo de Estado. Ou seja, o que aqui se coloca em jogo, é a quem vai vender o trabalhador o seu corpo, a sua imaginação, a sua vida, se à «esquerda», ou, continuarão a fazê-lo à direita...

Para sermos mais claros: a quem nos prostituiremos no futuro? Aos mesmos clientes? Ou aos novos candidatos?

PENSAM, FALAM, DECIDEM POR TI

AUMENTAM-TE A RENDA, CORTAM-TE A COMIDA

COMPRAM-TE O CORPO ROUBAM-TE A IMAGINAÇÃO

PREPARAM-TE UM FIM HORRÍVEL!

ATÉ QUANDO PENSARÁS QUE NADA PODES FAZER?

JORNAL ANARCO-SINDICALISTA

PORTE PAGO

A BATALHA

ANTIGO ÓRGÃO DA CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

ANO V — iV SÉRIE — N.º 55 — MENSAL — NOVEMBRO DE 1979 — 10$00

Manual do bom cidadão em tempos de eleições

A BATALHA EXPLICA

No sentido de contribuir, quanto possível, para a formação de uma verdadeira «consciência nacional», não quis este jornal em vésperas de eleições deixar de dar aqui o seu contributo para que o seu VOTO seja assumido, como deve ser: *um acto fundamental para a legalização dos nossos representantes!*

Ao redigirmos estes conselhos para um «bom cidadão», estamos certos que o nosso esforço não foi em vão...

1 — SER CIDADÃO

Um cidadão só existe quando reconhecido pelo Estado. Para isso é preciso que ele tenha o Bilhete de Identidade em dia, um parentesco legal, pague os impostos, quotas do Sindicato, acate as leis do País, até que estas sejam revogadas **ou modificadas... Ser cidadão, é ter um comportamento cívico correcto, não infringir a legalidade. Reconhecer os seus direitos e os seus deveres.**

Se tem mais de 18 anos, ele possui mais um direito: **o de poder votar! E um** dever: **o de votar!**

2 — AS COMPETÊNCIAS POLÍTICAS

Como cidadão de maior idade, terá de escolher os seus representantes, aqueles que falarão por ele. Defenderão os seus interesses perante o Estado.

A essas autoridades que assumem, perante a Nação, o cargo e a competência de pensarem por nós, o cidadão entrega o seu voto. Aos partidos cabe a difícil missão de decidirem das nossas vidas, Chegarem a um consenso sobre o caminho que o País deve seguir. Votar é pois, legalizar os nossos governantes.

3 — DIREITA

No lado direito da política está a direita em termos simples. O cidadão mais ilustrado, chama à direita a burguesia. Situa na direita os defensores da propriedade privada, dos patrões, latifundiários, senhorios, arrendatários; comerciantes, banqueiros, industriais, traficantes, especuladores, etc. Enfim, as inúmeras actividade a que se dedica a burguesa.

Quem lê os jornais costuma identificar a direita com os que preconizam a «bomba de neutrões como arma persuasiva contra a ameaça dos soviéticos», com os que combatem o «perigo comunista» ou os que agora defendem os «direitos humanos».

Neste País de direita são também «os salazaristas», «caetanistas», «saudosistas»... Mas à direita situam-se também os que preconizam a «modernização da economia», a «iniciativa privada», o «socialismo reformista», etc. Em suma, a direita tem várias formas.

A confusão é contudo impossível: Na aritmética dos votos, votar à direita é não votar à esquerda.

4 — ESQUERDA

No lado esquerdo da política, fica como é óbvio, a esquerda. Na partilha do poder mundial, a esquerda, afirma-se, caminha velozmente para a Esquerdização do Mundo. **O esclarecido cidadão, para quem escrevemos, sabe que a esquerda está ao serviço da «classe operária», das «massas populares» ou das «classes trabalhadoras».**

Normalmente da esquerda são os partidos da «Reforma Agrária», «nacionalizações», da «luta contra a reacção e o esquerdismo», das «amplas liberdades», da «ditadura do proletariado», etc.

Pelos países que nomeiam como exemplo, reconhecem-se nas suas tendências. Uns defendem a Rússia contra a China, outros Cuba contra a Jugoslávia, outros a Albânia contra o resto do mundo, etc.

Critérios curiosos, como a direita os tem, servem também para os identificar: para eles só são agressões à soberania doutros países, os ataques perpetrados pelos países capitalistas quanto à Rússia, por exemplo, intervir e ocupar militarmente a Checoslováquia, a Hungria, etc., é pelo contrário uma simples ajuda...

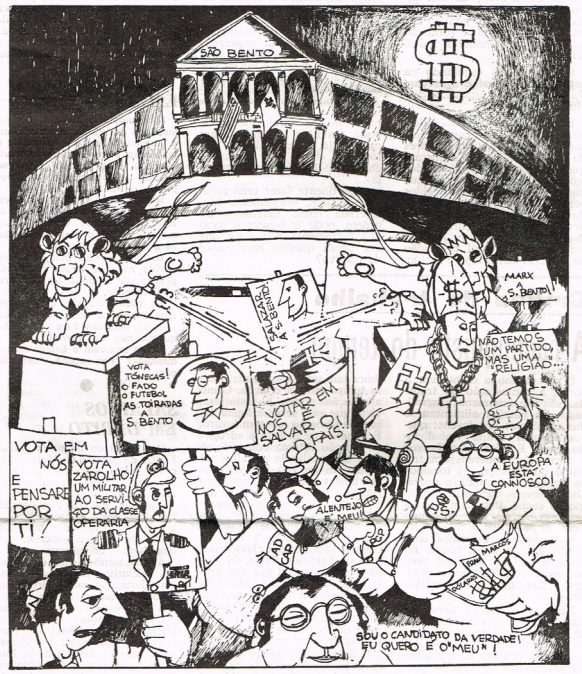
Uma central nuclear ou uma bomba atómica, só é má ou constitui um perigo para a humanidade, quando ela pertence aos «países capitalistas», caso contrário representa um passo em frente no desenvolvimento científico e tecnológico...

Ainda noutro caso se reconhecem: os campos de concentração, as torturas, a repressão só é má no Chile, Indonésia, etc., ou seja nos «países capitalistas», quanto aos hospitais psiquiátricos, pena de morte, polícias políticas, massificação, campos de concentração e militarização da sociedade nos «países socialistas», pelo contrário representa uma conquista e uma necessidade vital para a classe operária...

Os números são claros: votar à esquerda é não votar à direita.

5 — VOTAR

O bom cidadão não se engana. Ele sabe que votar, é dar o voto à direita ou à esquerda. O «voto útil», é útil para a direita se for na direita, ou útil na esquerda se for na esquerda...



6 — CONCENTRAÇÃO NO ACTO ELEITORAL

Ela implica de imediato, a suspensão de greves, protestos de rua, manifestações contra a subida das rendas de casa, etc., em tempo de eleições. Mais que isso, esta concentração exige que não se pense, demasiado sobre os problemas que, há séculos, são matéria de promessas de governos, deputados e partidos. Inclusivé do partido em que o bom cidadão votou no ano anterior. O acto eleitoral exige que não nos preocupemos com casos concretos.

Por exemplo, que este ano, como há séculos vem acontecendo, no Inverno, continuará a haver cheias e mortes no Ribatejo, Mondego, e um pouco por todo o País. Continuará a debandada da população para o «estrangeiro», os bairros de barracas crescerão como é hábito, etc.

Importa pois que o bom cidadão viva o acto eleitoral, deixe de pensar em coisas como, o que é isso de «esquerda» - «direita», na sua própria vida, e noutras banalidades.

Em conclusão, o acto eleitoral obriga por si mesmo, a uma concentração de todas as atenções, todas as energias, e forças na campanha eleitoral.

7 — DESCARREGAMENTO

Momento alto das eleições, ele consiste em o cidadão viver o próprio voto. A escolha do partido. **Manifesta-se pelo combate ao «outro», ao que vota na opção contrária.**

Este é, por excelência o momento propício de quatro em quatro anos (ou em casos excepcionais, como este), para o cidadão descarregar as humilhações sofridas no emprego, na rua, nas repartições públicas, em casa. As milhentas chatices quotidianas, à imbecilidade de um viver sem vida, enfim, é a altura ideal para descarregar no opositor político os escarros do chefe de secção, os aumentos do custo de vida aceites resignadamente, as ameaças dos militares engolidas, o último discurso do secretário-geral do partido em quem vai votar, etc.

Aqui, mais que noutras ocasiões, é a altura do cidadão exteriorizar. Fazer uso do seu humor negro recalcado, de uma ironia violenta sufocada, do insulto, da provocação, andar à porrada, argumentar como o «líder» do partido, gritar, gesticular contra a direita se for da esquerda, ou contra a esquerda se for da direita.

8 — AMNÉSIA

Esta palavra não designa apenas uma perda de memória mas uma limpeza cerebral. Neste caso ela significa não apenas. o acto posterior às eleições, de esquecer o que a esquerda ou a direita prometeram durante o período eleitoral mas também, em reter na memória, para uso quotidiano frases sem nexo, abstractas, como: «direito à habitação», «direito à saúde», «direito ao trabalho», «direito à educação», «direito à liberdade», etc.

9 — ROTINA

Adaptação aos resultados eleitorais; isto é, se ganhar a esquerda o bom cidadão, continuará a trabalhar, agora para aumentar a produção, salvar o país, reconstruir a economia, com entusiasmo, porque agora: **«tudo é do povo, e é o povo — conduzido pelo partido — quem manda».**

Se ganhar a direita, o bom cidadão, deve continuar a trabalhar com entusiasmo redobrado. **Porque o país, sem trabalho e esforço de todos, não poderá sair da crise económica,** nem do atraso em que se encontra.

«A vontade do povo, é quem manda».

10 — CORRECÇÃO

Depois das eleições, o bom cidadão, sempre com as suas obrigações para com o Estado em dia, saberá mais uma vez situar-se na sociedade. Isto é, saberá viver as telenovelas, o futebol, sentir os discursos ministeriais, escutar o telejornal, comprar o produto recomendado na telefonia, condenar o «roubo», educar na moralidade os filhos, falar correctamente com os superiores hierárquicos, apresentar sugestões a tempo para aumentar a produção na empresa, discutir comedidamente as contas do país, em suma viver em sociedade.

Caso não seja capaz de o fazer, resta-lhe sem grandes perturbações, deixar-se internar num hospital psiquiátrico ou discretamente suicidar-se.

Um último conselho: Vota em ninguém e ninguém pensará por ti!